

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ANA FLÁVIA RIBEIRO**

**SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA  
DE COVID-19**

**SANTA MARIA, RS, BRASIL,**

**2021**

**ANA FLÁVIA RIBEIRO**

**ANA FLÁVIA RIBEIRO**

**SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA  
DE COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado ao Curso de Psicologia, da  
Universidade Federal de Santa Maria,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Psicóloga.

Orientador: Profa. Dr<sup>a</sup>. Aline Cardoso Siqueira

Santa Maria, RS

2021

**ANA FLÁVIA RIBEIRO**

**SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA  
DE COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado ao Curso de Psicologia, da  
Universidade Federal de Santa Maria,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de **psicóloga**.

---

**Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Aline Cardoso Siqueira (UFSM)**

(Orientadora)

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lirene Finkler (UFSM)**

(Banca)

---

**Dr<sup>a</sup>. Suane Pastoriza Faraj (UFSM)**

(Banca)

Santa Maria, RS

2021

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar a vida e me abençoar em saúde.

Agradeço também aos meus pais Dilce Bento de Oliveira e Onório Ribeiro, que acreditaram nos meus sonhos e me apoiaram para que pudesse realizá-lo. Muito obrigada por ser, um exemplo de perseverança e força. Ao meu companheiro Ismael Cardoso pela compreensão e estar sempre ao meu lado me dando apoio e me incentivando para realização do meu sonho.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, professora Aline Cardoso Siqueira a qual escolhi com muito carinho, que se propôs a compreender e estudar a cultura kaingang, por estar sempre presente para sanar minhas dúvidas.

Este processo não foi uma tarefa fácil foi um longo e sofrido caminho. Sinto-me lisonjeada e com o sentimento de dever cumprido. GRATIDÃO!

# **SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19**

AUTOR: Ana Flávia Ribeiro

ORIENTADOR: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Cardoso Siqueira

Este presente trabalho tem como objetivo compreender o impacto da pandemia na saúde mental de professores indígenas. Nesse sentido, a pesquisa em questão veio abordar a saúde mental de professores indígenas em tempos de pandemia de COVID-19, trazendo como questões norteadoras: qual o impacto na saúde mental de professores da educação indígena durante o período da pandemia 2020? Houve alguma mudança no dia-a-dia do trabalho dos professores indígenas com a pandemia? Os meios de comunicação tecnologias nas escolas indígenas são suficientes para atender a demanda dos professores indígenas para uma educação à distância? Como os professores indígenas estão se sentindo com essa mudança de rotina dentro das escolas indígenas? Trata-se de uma pesquisa exploratória e qualitativa, na qual participaram 10 professores de 28 a 59 anos, com no mínimo de dois anos de experiência em escola indígena. Foram realizados um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturada. A partir da análise temática das entrevistas, foram elencadas três categorias: (1) O impacto da pandemia na saúde mental dos professores indígenas; (2) Os desafios das aulas remotas e as dificuldades encontradas pelos educadores das escolas indígenas; (3) O papel do psicólogo dentro da comunidade indígena. Dentre os resultados, encontraram-se: evidente impacto negativo da pandemia na saúde mental dos professores, que sinalizaram tanto medo do contágio quanto preocupação com a aprendizagem dos alunos; desafios pautados na precariedade da estrutura física e tecnológica da escola e o reconhecimento da importância da Psicologia para auxiliar o professor. Propostas de prevenção e atenção à saúde mental do professor foram debatidas.

**Palavras-chave:** Saúde Mental, Indígenas, Professores.

## **Sumário**

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	8
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	8
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS E DO POVO INDÍGENA KAINGANG .....	9
3.2 POVOS INDÍGENAS E SAÚDE MENTAL .....	11
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	12
4.1 DELINEAMENTOS DE PESQUISA .....	12
4.2 CENÁRIO E PARTICIPANTE DA PESQUISA .....	13
4.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA .....	13
4.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS .....	14
4.5 ASPECTOS ÉTICOS .....	14
4.6 ANÁLISES DE DADOS .....	15
<b>5. RESULTADO E DISCUSSÃO</b> .....	15
5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES .....	16
5.2 O IMPACTO DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES INDÍGENAS .....	17
5.3 OS DESAFIOS DAS AULAS REMOTAS E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS EDUCADORES DAS ESCOLAS INDÍGENAS .....	19
5.4 O PAPEL DO PSCÓLOGO DENTRO DA COMUNIDADE INDÍGENA .....	21
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>7 REFERÊNCIA</b> .....	25
<b>8 APÊNDICES</b> .....	27
8.1 APÊNDICE A .....	27
ROTEIRO DE ENTREVISTA: .....	27
8.2 APÊNDICE B .....	28
TERMO DE CONFIDENCIALIDADE .....	28
8.3 APÊNDICE C .....	29
AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL .....	29
8.4 APÊNDICE D .....	30
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	30

## 1 INTRODUÇÃO

O novo coronavírus, nomeado de SARS-CoV-2, foi anunciado ao mundo em dezembro de 2019, e diante das proporções de contágio e elevado número de morte, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já declarava emergência de Saúde Pública de importância internacional, uma pandemia (ORTIZ, 2020; DANIEL, 2020). O número de infectados mundialmente já ultrapassa os 200 milhões, além de serem registrados até meados de agosto de 2021, ao menos, 4,38 milhões de óbitos por complicações da doença. No Brasil, contabilizando também desde o surgimento até agosto de 2021, são mais de 20,4 milhões casos confirmados e 570 mil óbitos, o que coloca o país na 3ª posição mundial em mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Com a crescente elevação no número de casos do novo coronavírus em território brasileiro, põe-se em cheque a saúde dos povos indígenas, uma vez que são povos que vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica. Conforme Ministério da Saúde, a contaminação pelo novo corona vírus já vem atingindo os povos indígenas. De acordo com boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, atualmente são em torno de 52.425 mil casos confirmados de COVID-19 na população indígena, e em torno de 785 óbitos pelo novo corona vírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

A pandemia de COVID-19 vem causando diversos impactos na sociedade, relacionados à morbimortalidade e à adoção de medidas de distanciamento e isolamento social de toda população para conter a contaminação do vírus. Com a crescente contaminação pelo novo corona vírus, o Ministério da Educação lançou uma nova portaria (PORTARIA MEC Nº 345, de 19 de março de 2020) fazendo com que as instituições de nível superior, escolas públicas e privadas, suspendam as atividades presenciais e desenvolvam novas estratégias de educação, como a educação à distância, de modo a preservar a saúde de todos os estudantes e também todos professores e servidores públicos que trabalham na Educação, a fim de evitar aglomeração e contaminação em massa pelo novo corona vírus.

Devido ao distanciamento social e quarentena, a possibilidade de realizar as atividades cotidianas diárias teve que ser revista por toda a sociedade, surgindo o medo de ser infectado pelo novo coronavírus, sentimento de frustração, irritabilidade pela perda de autonomia e liberdade pessoal. A infecção causada pela COVID-19 tem

levado a uma sensação de insegurança em diferentes dimensões da vida, tanto da perspectiva coletiva quanto individual (LIMA et al., 2020; OZILI & ARUN, 2020). Quanto à saúde mental, é indubitável que as sequelas de uma pandemia são maiores e mais complexas que o número de mortes. Os sistemas de saúde dos países entram em colapso, os profissionais de saúde ficam exaustos com as longas horas de trabalho e, além disso, o método de controle mais efetivo da doença, que é o distanciamento social, impacta consideravelmente a saúde mental da população (BROOKS et al., 2020).

A pandemia de COVID-19 fez com que os professores indígenas adaptassem-se ao ensino remoto com novas tecnologias e que tivessem até uma redução temporária de rendimentos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020). Sendo assim, percebe-se a necessidade de investigar e agir em questões relativas à saúde mental do professor indígena nesse período de pandemia, uma vez que a capacidade de alcançar um estado de ajustamento psicológico saudável é desafiada, dia após dia, por inúmeras adversidades não usuais nesse período, uma vez que a pandemia exigiu o enorme trabalho psíquico para toda a sociedade (BROOKS et al., 2020). Nesse sentido, é necessário compreender o contexto que o povo indígena está inserido.

## **2 OBJETIVOS**

Geral:

Compreender o impacto da pandemia na saúde mental de professores indígenas

Específicos:

Investigar a relação entre as dificuldades encontradas no contexto da pandemia em escolas indígenas e a percepção de saúde mental;

Analisar a importância das articulações dos profissionais indígenas no contexto da pandemia;

Compreender que sentimentos e emoções surgiram no contexto da pandemia.

## **3 REVISÃO DE LITERATURA**

A revisão de literatura neste trabalho consiste em realizar uma breve síntese da história dos povos indígenas em território brasileiro, sintetizar a história do povo



indígena kaingang da Terra Indígena Guarita, contextualizar a educação escolar indígena, saúde mental dos povos indígenas e por fim abordar a saúde mental dos professores indígenas em tempos de pandemia.

### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS E DO POVO INDÍGENA KAINGANG

Segundo o censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população indígena no Brasil é estimada em 896.900 mil indivíduos, o que corresponde a 0,4% da população brasileira (CENSO,2010). De acordo com dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e do Instituto Socioambiental (ISA), a população indígena no Brasil está distribuída em 240 etnias, falando mais de 200 línguas diferentes.

Atualmente o povo indígena Kaingang está geograficamente distribuído nas regiões de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e a população hoje é estimada em torno de 37 mil indígenas conforme Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (CENSO, 2010). O povo indígena kaingang conforme tradição milenar está dividido em duas metades representada pelas marcas kamé e kajrukrê, e conforme a cosmovisão do povo indígena kaingang, essas marcas representam o grau de parentesco nas famílias indígenas. A filiação a uma metade é definida pela marca paterna, a qual seus filhos, de ambos os sexos, herdam a metade e seção de seu pai. Esse procedimento contínuo através das gerações estabelece o caráter patrilinear da sociedade Kaingang. Em rituais, os kamé usam pintura comprida em seu corpo, já o kajrukrê usa pintura redonda em seu corpo, os traços das pinturas são para identificar as famílias e as linhagens. Conforme a mitologia indígena, para casar, é necessário que as metades sejam diferentes, sendo assim, kamé só pode casar com kajrukrê. Dentro da cultura kaingang, casamento entre as metades iguais é considerado incesto como se fosse uma relação entre parentes (EMILIANO, 2018).

Em 1910 criou-se o Serviço de Proteção ao Índio e Trabalhadores Nacionais (SPI). O SPI foi instituído através do Decreto nº 8072 em 20 de junho de 1910, tendo como principal objetivo prestar assistência a todos os indígenas do território nacional. Estava vinculado ao Ministério da Agricultura e Ministério do Desenvolvimento (OLIVEIRA, 1947). As principais intervenções do SPI desde que foi criado estavam voltadas para a pacificação e sedentarização dos grupos indígenas que estavam em áreas de colonização (ALTINI; RODRIGUES; PADILHA et al., 2013).

Em 1967 ocorreu a extinção do SPI e foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A FUNAI é um órgão indigenista que foi instituído por meio da lei nº 5.371 de 5 de dezembro de 1967 e está vinculada ao Ministério da Justiça. Essa fundação é a principal coordenadora e executora das políticas voltadas a populações indígenas do governo federal, tendo como principal missão institucional proteger e promover o direito dos Povos Indígenas no Brasil (ALTINI; RODRIGUES; PADILHA et al., 2013).

Em 1988 a partir da Constituição Federal, os povos indígenas passaram a ter alguns direitos reconhecidos pela constituição. Os povos indígenas passaram a ser reconhecidos como cidadãos e como tal poderiam usufruir dos direitos garantidos a todos os cidadãos brasileiros. A constituição garantiu também um capítulo específico que trata sobre o direito dos povos indígenas. No seu artigo 231 destacam que os índios são reconhecidos em sua organização, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos sobre as terras que tradicionalmente ocupam (BRASIL, 2012a).

Do ponto de vista da educação formal e informal dos indígenas, segundo Buratto (2010), ao longo da história, a educação escolar indígena tem uma extensa e complexa trajetória. Desde o período da colonização, com a chegada dos europeus ao território brasileiro, os indígenas foram catequizados, tendo como objetivo a civilização e a inserção na sociedade. No decorrer deste período da catequização, os indígenas eram obrigados a negar sua cultura, sua crença e seus rituais. Quando não negavam a sua cultura eram submetidos a maus tratos e castigos. Ainda referente à educação indígena, de acordo com Buratto (2010), a forma de educação e de transmissão de conhecimentos eram passados oralmente, pois os indígenas tinham seus modos de viver e seus próprios modos de educação (BURATTO, 2010, p. 53).

De acordo com Grupioni (2006), as crianças indígenas eram tiradas de suas famílias e obrigadas a falar o português e a abandonar a sua identidade, negando a sua cultura. Por outro lado, o autor ressalta também que as escolas indígenas são um espaço de reafirmação cultural dos povos indígenas, diante disso as escolas indígenas têm a função principal de manter a língua materna e a valorização da cultura que com o decorrer dos anos vem se perdendo aos poucos (GRUPIONI, 2006). Segundo Ladeira (2004), a educação escolar indígena é um ensino de qualidade diferenciado, no sentido de atender as demandas e as especificidades de cada comunidade. Neste sentido, percebe-se que os autores ressaltam a importância tanto do papel das escolas indígenas, quanto do saber que é transmitido da própria cultura.

A organização política dos indígenas kaingang seguem as leis internas desenvolvidas pelo cacique e pelas demais lideranças composta por membros de cada comunidade. A estrutura da liderança indígena kaingang é baseada em cima de hierarquia herdada do regime militar, sendo assim, é composta pelo cacique, figura que representa autoridade máxima dentro da comunidade, logo seguido pelo coronel, o capitão e os conselheiros (representada pela pessoa mais velha) e os soldados. De acordo com Moliterno (2011) destaca em seu estudo sobre indígenas a importância do cacique para organização da comunidade e conseqüentemente importância dele para a efetivação das políticas públicas de prevenção de doenças e promoção de saúde dentro da comunidade (MOLITERNO; PADILHA; FAUSTINO, 2011). Na perspectiva da cultura indígena, segundo Rosa (2005), o ritual do kiki consiste em um grande encontro realizado entre o povo indígena kaingang. Esse ritual tem como objetivo reunir rezadores conhecidos como kujá (curandeiro). O kujá é considerado um dos mais sábios dentro da cultura indígena kaingang e tem o dom de conhecer as ervas, as plantas, as quais tem o poder de cura. São esses kujás os responsáveis por realizar as rezas para expulsar os maus espíritos que estão presentes nos indígenas na festa do kiki (ROSA, 2005). Nesse sentido, o kujá desempenha um papel de compromisso social e desenvolve papel de autoridade perante a comunidade indígena. Outros autores ressaltam a importância de revitalizar esses saberes tradicionais dentro da cultura indígena. Assim, atualmente, os povos indígenas se deparam com o saber da cultura e o da ciência no que tange o cuidado à saúde mental.

### 3.2 POVOS INDÍGENAS E SAÚDE MENTAL

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), saúde pode ser definida por um estado de bem estar físico, mental e social, e não apenas na ausência da doença, considerando que as doenças físicas e mentais, muitas vezes estão relacionadas com os fatores biológicos de cada indivíduo (OMS, 2001). A Psicologia na saúde mental dos povos indígenas é recente. A Portaria nº 2.759, de 25 de outubro de 2007 estabelece os direitos, a proteção, e acesso à assistência psicossocial dos povos indígenas, respeitando as diversidades culturais. Foi a partir dessa portaria que os profissionais de assistência social, psicólogos e antropólogos tiveram que traçar estratégias de saúde mental que visassem suprir as necessidades dos povos indígenas. Esta equipe planeja as ações em saúde mental com metodologias diferentes dependendo de cada demanda. De acordo com a secretaria especial de

saúde indígena (SESAI), em nota publicada no portal do Ministério da Saúde, o suicídio é uma das questões mais preocupantes no que tange à saúde mental dos indígenas e, inclusive, foi lançado em 2014, o material orientador para prevenção do suicídio em Povos Indígenas, voltado para as equipes (MINISTÉRIO DA SAÚDE). De modo geral, são preconizadas estratégias de prevenção e promoção em saúde, com o fortalecimento das redes sociais de apoio e da identidade cultural das comunidades.

Com os crescentes dados de suicídio na população indígena, de acordo com o Ministério da Saúde, o suicídio está relacionado com os fatores sociais, culturais e socioeconômicas específicos de cada indivíduo, pois a população indígena é vulnerável e vem à tona o sofrimento psíquico e o adoecimento do mesmo (MINISTÉRIO DA SAÚDE). Os altos índices de suicídio podem estar relacionados ao uso de bebida alcoólica e uso de drogas ilícitas nas comunidades indígenas (LANGDON, 2001).

O estudo publicado em 2019 sobre a atenção psicossocial aos povos indígenas salienta que apesar de estarem articulados com as estratégias de saúde mental, a proposta nem sempre é suprida, por ter poucos assistentes sociais e psicólogos, diante do território que abrange muita demanda para atendimento psicossocial. E também de como a família tem papel fundamental de suporte de apoio para o indivíduo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019). Ao realizar a revisão de literatura para o presente estudo, foi possível constatar a escassez de artigos relacionados à saúde mental de professores indígenas em tempos de pandemia, e como é complexo trabalhar com essa temática.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 DELINEAMENTOS DE PESQUISA**

Estudo exploratório descritivo com abordagem qualitativa. A pesquisa exploratória estabelece critérios, métodos e técnicas para a elaboração de uma pesquisa e visa oferecer informações sobre o objeto desta e orientar a formulação de hipóteses (CERVO e SILVA, 2006; GONÇALVES, 2014). Na pesquisa descritiva, realizam-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador. A pesquisa descritiva consiste em descrever de

forma minuciosa a característica de uma determinada população ou fenômenos, ou então, o estabelecimento de relações entre as variáveis. A abordagem qualitativa busca responder a questões muito particulares (BARROS; LEHFELD, 2007). Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que dificilmente pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002). A finalidade da pesquisa descritiva é observar, registrar e analisar os fenômenos ou sistemas técnicos, sem, contudo, entrar no mérito dos conteúdos.

#### 4.2 CENÁRIO E PARTICIPANTE DA PESQUISA

Este projeto de pesquisa foi realizado no dia 14 de junho de 2021 com professores da educação indígena, da Terra Indígena Guarita situada entre os municípios de Tenente Portela, Redentora, Miraguaí e Erval Seco no estado do Rio Grande do Sul-Brasil. Trata-se de uma amostra por conveniência. Originalmente, a terra indígena demarcada compreende uma área total 23.406,87 hectares, conforme censo do IBGE 2010 a população da Terra Indígena de Guarita são de aproximadamente 5.996 kaingang (CENSO, 2010, IBGE 2012).

Participaram do estudo 10 professores de uma escola indígena da Terra Indígena Guarita. Os critérios de inclusão foram atuar como docente de crianças há pelo menos 2 anos. Não houve critérios de exclusão.

#### 4.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para contemplar os objetivos, foi utilizada uma entrevista de campo semiestruturada (Apêndice A). O roteiro contém questões sobre dados sócio demográficos e aspectos informações que contemplam a saúde mental de professores da educação indígena. A coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada é uma técnica que permite obtenção de dados que interessam à investigação, portanto é uma forma de interação social, mais especificamente, é a forma de diálogo assimétrico em que as partes buscam coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos,

pedagogos, assistentes sociais e praticamente todas as outras áreas profissionais que tratam de problemas humanos utilizam essa técnica, não apenas para a coleta de dados, mas também com objetivos voltados para o diagnóstico e orientação (GIL,1999).

#### 4.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Em primeiro momento, foi realizado momento inicial com os professores uma roda de conversa com intuito de explicar o objetivo do projeto de pesquisa logo após coleta de dados se realizou por meio de entrevistas semiestruturadas de forma individual com perguntas abertas e fechadas de modo a obter melhor compreensão acerca da saúde mental dos professores da rede da educação escolar indígena em momento de pandemia do coronavírus (COVID-19) da Terra Indígena do Guarita. As entrevistas tiveram duração de cerca de 30 minutos, tendo sido realizadas de forma presencial, gravadas por meio de gravador de voz, e transcritas para análise. Além disso, também foi utilizada a observação não participante como técnica de coleta de dados. Essa observação aconteceu nos períodos em que a pesquisadora esteve realizando a coleta de dados. Após cada entrevista, a pesquisadora registrou em um diário de campo os aspectos observados com relação à saúde mental dos professores indígenas.

A coleta foi realizada por uma estudante de psicologia que é da etnia kaingang pertencente à aldeia. Tanto a pesquisadora quanto os participantes estavam vacinados, com duas doses. A entrevista seguiu o protocolo de prevenção do novo coronavírus (COVID-19) do Ministério da Saúde, que a escola já estava seguindo. O protocolo estabelece que as atividades devem ser feitas em espaços arejados, de distanciamento mínimo de 2 metros entre as pessoas, uso de máscara por todos e de álcool gel nas mãos na chegada e saída da escola. Nenhum participante da pesquisa ou a pesquisadora apresentaram sintomas ou diagnóstico de COVID-19 nas duas semanas seguintes às entrevistas.

#### 4.5 ASPECTOS ÉTICOS

O presente projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Santa Maria, mediante a

assinatura do Termo de Confidencialidade (Apêndice B) e Autorização Institucional (Apêndice C). Na coleta de dados serão considerados todos os aspectos éticos envolvidos na pesquisa, de acordo com as resoluções 466 de 2012 e 510 de 2016. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D), consentindo sua participação. Participar dessa pesquisa pode ser um risco mínimo para o participante uma vez que a entrevista levou a reflexões que possivelmente não ocorreriam em suas interações cotidianas. Por sua vez, os benefícios advindos da expressão verbal dos sentimentos e percepções podem levar ao alívio de sensações psicológicas desconfortáveis. Contudo, falar sobre a própria saúde mental e experiências estressoras pode causar desconforto, podendo o participante ser encaminhado para um Serviço de Psicologia em ambulatórios de saúde mental públicos na sua cidade ou para atendimento psicológico por atendimento online, em clínicas-escola elencadas e sugeridas pela pesquisadora. Além disso, a pesquisadora propôs oficinas de psicoeducação aos professores, se autorizado pela equipe diretiva da escola, a fim de promover saúde e auxiliar os docentes que desejarem. Não foram necessárias tais oficinas.

#### 4.6 ANÁLISES DE DADOS

As entrevistas e as anotações no diário de campo foram analisadas qualitativamente a partir da Análise Temática (BRAUN; CLARKE, 2006). Esta análise é um método de análise qualitativa de dados para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) a partir de dados qualitativos. Foram construídas a posteriores três categorias analíticas: (1) O impacto da pandemia na saúde mental dos professores indígenas; (2) Os desafios das aulas remotas e as dificuldades encontradas pelos educadores das escolas indígenas; e (3) O papel do psicólogo dentro da comunidade indígena.

### 5. RESULTADO E DISCUSSÃO

Aqui serão apresentados os resultados da pesquisa, seguidos da discussão, embasada em autores que abordam a mesma temática sobre a saúde mental dos professores indígenas em tempos de pandemia de COVID-19. É importante salientar que não foram encontrados até o momento artigos ou estudos referentes à saúde

mental dos professores indígenas em tempos de pandemia de COVID-19. Neste sentido, trago para dialogarmos juntos estudos feitos com professores não-indígenas em tempo de pandemia. Primeiramente, será apresentada a caracterização dos participantes do estudo, em seguida elencamos as categorias que emergiram da análise de dados.

## 5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

O presente estudo foi realizado envolvendo 10 professores indígenas, seis mulheres e quatro homens, da educação escolar indígena da Terra indígena Guarita, mais especificamente, da escola indígena da Aldeia Pedra Lisa. A idade dos participantes ficou compreendida entre 28 anos e 59 anos, predominando maior número de professores com idade entre 30 e 39 anos (seis participantes), seguido de participantes entre 40 e 49 anos (dois participantes); e um participante das faixas etárias entre 20 e 29 anos e entre 50 e 59 anos. Referente ao estado civil, sete participantes eram casados, dois eram solteiros e um estava em união estável. Em relação à área de atuação dos profissionais da educação, constatou-se que a amostra era composta por participantes de diversas áreas, como pedagogia ( $n=2$ ), cultura Kangang ( $n=1$ ), matemática ( $n=1$ ), pedagogia ( $n=1$ ), educação física ( $n=1$ ), licenciatura indígena ( $n=1$ ), história ( $n=1$ ), linguagem ( $n=1$ ) e educação especial ( $n=1$ ). O tempo de trabalho em escola indígena variou de dois a 24 anos de trabalho em escola indígena.

Conforme a caracterização dos participantes da pesquisa, pode-se identificar um dado interessante, no quadro de professores, predominaram indígenas do sexo feminino. Nesse sentido, podemos perceber que embora a mulher indígena tenha pouco espaço no que tange à política, educação, saúde e meio social, ela vem buscando seu espaço e reafirmando a sua importância na sociedade ao executar atividade laboral formal. Reforçando essa ideia, Grubits (2014) traz em seu estudo que as mulheres indígenas vêm buscando visibilidade, tanto no contexto social, acadêmico e da saúde, e que estão sempre participando de movimentos indígenas, que nesses espaços há muitos tempos só participavam homens indígenas.

Em relação ao consumo de bebida alcoólica e fumo. 60% ( $n=6$ ) dos participantes fazem uso de bebida alcoólica, 10% ( $n=1$ ) faz uso de fumo, os demais não faziam uso de nenhum tipo de bebida alcoólica e/ou fumo.



A partir do agrupamento e análise de dados, emergiram três tópicos relacionados à saúde mental dos professores indígenas em tempos de pandemia de COVID-19, aos quais abordaremos a seguir.

## 5.2 O IMPACTO DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES INDÍGENAS

Essa categoria abarca os conteúdos e falas que se referem ao impacto da pandemia para os professores. Os professores entrevistados evidenciaram sentimentos negativos e preocupações com relação à pandemia, sensações que também permeiam o meio indígena, como podemos observar no relato do E3, onde ele faz esses apontamentos.

“Me sinto muito estressado, sem paciência, ansioso, essa pandemia me deu muito problema” (E3).

A pandemia de COVID-19 trouxe medo, incertezas, insegurança, por se tratar de um vírus invisível e totalmente desconhecido. Há várias preocupações sobre o efeito do isolamento e distanciamento social, o que vem ocasionando o aumento de ansiedade, depressão, estresse entre outros sentimentos negativos (BRENNAN et.al., 2020). Outros autores descrevem a quarentena como uma experiência desagradável, onde ele cita que os indivíduos em quarentena relatam que houve várias mudanças em seu convívio familiar e trouxe experiências desagradáveis que implicaram em sua saúde mental (LIMA, CANDIDO, e SILVA, et.al.2020). Conforme foi possível observar nas falas de E6 e E9, as mudanças de rotinas na pandemia de COVID-19 refletem no bem-estar social e mental:

“Durante esse período da pandemia, estou estressada, sem paciência, qualquer coisa é motivo de briga, dentro de casa” (E6).

“Foi muito assustador a pandemia, estava acostumada com aquela rotina que tinha sempre, de trabalho para a casa, casa e trabalho, e de repente parou tudo, mês passado fui ao médico pois não estava me sentindo bem, não estava conseguindo dormir direito, ele disse que estava com sintomas de ansiedade, que era para procurar uma ajuda, mas ainda não tive tempo de ir” (E9).

Durante esse período da pandemia, é esperado que estejamos em estado de alerta, estressados, confusos e com medo. Conforme Shigemura (2020) e colaboradores apontam que o medo é um fator de proteção diante da pandemia que estamos passando. De acordo com relato dos entrevistados desta pesquisa, podemos observar que estes medos, angústias e incertezas também permeiam o meio indígena, fazendo com que haja um desgaste mental psicológico destes indivíduos como podemos notar no relato de E7.

“No começo da pandemia, tinha medo até de sair na rua, pois esse covid-19, não escolhe pessoa, por se tratar de um vírus invisível, você nunca sabe quem tem” (E7).

Segundo o Ministério da Saúde (2021), o aumento dos sintomas psíquicos e dos transtornos mentais durante a pandemia tem ocorrido por diversas causas. Entre elas, a ação direta do coronavírus no sistema nervoso central, as experiências traumáticas associadas à infecção ou à morte de pessoas próximas, o estresse induzido pela mudança no dia a dia, dentre outros fatores. As pessoas reagem de maneira diferente a situações estressantes. Como cada um responde à pandemia pode depender de sua formação, da sua história de vida, das suas características particulares e da comunidade em que vive. Como podemos ver, estudos referente à pandemia de COVID-19 apontam que as várias experiências traumáticas acompanham tanto os indivíduos que adquirem essa infecção quanto pessoas próximas, dentre elas, a morte de um familiar próximo, parente, o que podem desencadear um transtorno psicológico. Estas experiências traumáticas são identificadas também neste estudo por meio do relato dos entrevistados, por meio eles mencionaram passar por estas situações.

“Acabei passando o vírus para meu pai, passou entre 3 a 4 dias depois que estava com sintoma, meu pai morava comigo testou positivo também para covid, quando passou a minha quarentena depois de 3 dias meu pai faleceu, me senti culpado porque de certa forma foi eu que passei o vírus pra ele pois era meu familiar mais próximo que perdi” (E1).

Com o estudo, podemos observar que as experiências traumáticas relacionadas à infecção por COVID-19 são muitas. Dentre elas: sentimento de medo, incertezas e medo de um familiar próximo morrer. E isso acaba gerando um transtorno

psicológico tão grande a ponto de ocasionar ao indígena ansiedade, depressão, entre outros transtornos. Constatou-se que a mulher indígena está mais exposta a estes eventos traumáticos pois acaba sendo sobrecarregada com as tarefas do dia a dia. Segundo os participantes, o atendimento de saúde mental para a população indígena em geral é escasso. Com a pandemia surgiu a necessidade de intensificar o atendimento em saúde mental para estes indígenas e isso não vem ocorrendo conforme relato dos entrevistados da pesquisa. Bauer (2007) destaca diversas pesquisas que demonstram o adoecimento mental dos educadores como um problema cada vez maior. Então é necessário ampliar o atendimento em saúde mental com o intuito de suprir as demandas dessa população.

### 5.3 OS DESAFIOS DAS AULAS REMOTAS E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS EDUCADORES DAS ESCOLAS INDÍGENAS

Os professores mencionaram a interface da implantação das aulas remotas na saúde mental do professor, sendo o foco dessa categoria. Diante do contexto da pandemia de COVID-19, a forma de educação teve que se reinventar adaptando-se no meio remoto de ensino e aprendizagem. As escolas indígenas também tiveram que interromper as atividades presenciais por conta da COVID-19. Dentro das comunidades indígenas foi um desafio por conta do acesso precário à internet em muitas comunidades, nem todos tinham acesso aos meios tecnológicos. Todos os professores relataram que não realizaram aulas on-line perante as dificuldades de acesso que os alunos têm à internet e ficou perceptível que se realizassem aulas on-line, nem todos os alunos seriam alcançados por não terem interação entre professor e aluno.

“Perante as dificuldades dentro da comunidade indígena em relação a acesso aos meios tecnológicos e internet, acredito que nem todos seriam alcançados se no caso estivéssemos realizando alguma atividade on-line”  
(E1).

Conforme Ferreira e colaboradores (2020), o processo aprendizagem em tempos de pandemia passou a ser ineficiente por falta de estrutura, de conexão a internet estável e de aparelhos tecnológicos. De acordo com o relato dos entrevistados da pesquisa, o ensino aprendizagem dos alunos indígenas realizado

dessa forma é ineficiente pois as escolas indígenas não possuíam estruturas adequadas, como também a grande maioria dos alunos não possuía acesso aos meios tecnológicos, muito menos acesso à internet. Eles asseguravam que isso já tornava o ensino muito defasado. Antes da pandemia, o ensino dentro das escolas indígenas já era precário. Como podemos observar no relato de E4.

“Não realizamos nem uma aula online porque a realidade nas comunidades indígenas nem todos tem acesso a internet, entregamos de forma remota, nas casas, nas casas não podemos mais entregar por orientação da saúde”(E4).

Conforme Oliveira (2010), é fundamental ter interação de professor/aluno para que ocorra a transmissão de conhecimento no processo de ensino aprendizagem sendo assim uma forma de assimilar conhecimento. De acordo com os entrevistados da pesquisa, um aspecto que mais se destaca é a questão da não interação entre professor e aluno. Os professores indígenas referem que esta falta de interação de professor/aluno torna o trabalho mais difícil e o ensino/aprendizagem não alcançando um objetivo satisfatório para ambas as partes, sendo assim o professor fica com sentimento de impotência, como podemos observar na fala de E1 e E3:

“A maior dificuldade que está tendo dentro das escolas indígenas é a interação com professor, a dificuldade de transmissão de conhecimento e nem todos estão sendo alcançados dessa forma remota pois os pais e responsáveis não têm vindo até a escola para tirar as atividades. Muito preocupante pois fico pensando no desenvolvimento do aluno e como vai ser daqui pra frente, como vai ficar o conhecimento desse aluno.” E1.

“Está sendo difícil pois não estou conseguindo alcançar meus objetivos que é de ensinar as crianças, é completamente diferente de estar assim presencial, porque não sei se eles estão aprendendo se tem alguma dúvida muitas das vezes os pais também não conseguem ajudar a criança a realizar as atividades” (E3).

Na educação escolar indígena, os professores adotaram as estratégias de entrega das atividades em casa, mas por orientação da saúde indígenas, foram

orientados a não aglomerar e nem fazer visitas aos alunos, para evitar o contágio de COVID-19, sendo assim, estabeleceram um dia específico (segunda-feira) para a entrega das atividades. Os professores relataram que estavam realizando encontros diários na escola, mas tiveram que parar por um tempo, por motivos que todos os educadores estavam com sintomas de Covid-19, a escola teve que ficar 20 dias fechada. Logo após o retorno as atividades na escola indígena ficaram acordado que as reuniões de equipe e entrega das atividades ficaria todas em um dia na semana (segunda-feira).

O fato de os professores não conseguirem alcançar todos os alunos, porque nem todos os pais e responsáveis dos alunos estão presentes para fazer a retirada das atividades na escola, gerava angústia e incertezas sobre como esses alunos estavam. Para realizar essa adaptação na educação indígena, alguns professores procuraram se atualizar com uso de computador, aplicativos, na tentativa de atender as demandas e as dificuldades dos alunos, os professores demonstraram que tiveram dificuldade no início para se adequar a esse método de ensino e aprendizagem.

#### 5.4 O PAPEL DO PSICÓLOGO DENTRO DA COMUNIDADE INDÍGENA

O trabalho do psicólogo na sociedade busca auxiliar o indivíduo a compreender os fatores da relação do mesmo com a sua história, suas expectativas para o futuro, bem como suas relações sociais. Contudo, a compreensão partirá do indivíduo, cabendo ao psicólogo o papel de mediador desse processo (BARÓ, 1996).

Os povos indígenas viveram anos de lutas para as reformas de saúde ocorresse. Com a promulgação da Constituição de 1988, as mudanças legislativas aconteceram de forma a beneficiar a infraestrutura de saúde, pois até então ainda não existia uma estrutura para atendimento das demandas das comunidades indígenas. Estudos apontam que, em 2007, a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) para atender a população indígena estabeleceu as diretrizes para a fundação da política de atenção integral à saúde mental dos povos indígenas, e essa política visa garantir atendimento diferenciado às comunidades contemplando assim as especificidades de cada etnia, mantendo seus saberes tradicionais (QUEIROZ, 2014).

Em relação à importância do psicólogo próximo às comunidades indígenas, foi possível observar que todos os entrevistados relataram sobre a necessidade de ter um psicólogo nesse momento de pandemia que estamos passando, uma vez que os educadores se encontravam sobrecarregados e fragilizados. Conforme relato de E8 e E4;

“Seria muito importante o psicólogo dentro das escolas indígenas, porque já houve casos de professores tirando laudo que estavam com depressão, estresse, e não sabemos quais são os sintomas, e temos medo de pegar isso”. (E8).

“Acredito que deveria ter um psicólogo na ubx das aldeias indígenas, pois aqui na terra indígena guarita temos apenas uma psicóloga que muitas das vezes não consegue trabalhar com todas as demandas que tem dentro da comunidade, tem muitas crianças que choram por isso, choram por aquilo, muitas vezes não entendemos o porque que estão assim, ai o psicólogo trabalha em fazer esse trabalho investigativo, porque muitas das vezes o professor não consegue ir atrás conhecer a realidade daquela criança” (E4).

Conforme Carvalho (2020), é necessário promover saúde espiritual a partir da psicossocial com base na história de um povo que vem sofrendo, que busca viver suas relações adaptando-se em um mundo totalmente diferente de sua realidade. Dentro das comunidades indígenas, cabe ao profissional da Psicologia contribuir para que os protagonistas sejam os indígenas, com intuito de fortalecimento de cultura contribuindo com avanços nos diálogos e superação de preconceitos.

Na pesquisa, um dos entrevistados traz sobre a percepção de psicólogo na cultura kaingang, relatou o povo kaingang sempre teve um “psicólogo”, que é chamado de kuja. Em sua fala, a Psicologia é o kuja retornando para as comunidades com a intenção de suprir as demandas do povo indígena. Os kujas são grandes conhecedores das florestas e das ervas medicinais, antigamente as lideranças espirituais eram as mais respeitadas nas comunidades indígenas (MARÉCHAL, 2015; ROSA, 2005).

O trabalho do psicólogo dentro das comunidades indígena no contexto da pandemia de Covid-19 é necessário, realizando intervenções de psicoeducação, oficinas com intuito de promoção e prevenção de saúde mental dos povos indígenas,

ressaltando que as comunidades tem sua visão de mundo que se difere das outras visões de mundo da sociedade.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo proporcionou conhecer a realidade das escolas indígenas em tempos de pandemia e como os educadores estão fragilizados. Nesse sentido, tem uma grande defasagem para apoio na saúde mental dos educadores, a sobrecarga e o sofrimento mental dos professores como foi possível analisar alguns educadores já vem apresentando sofrimento psíquico muito antes da pandemia.

Neste estudo, percebe-se como o trabalho do professor vem sendo precarizado e desvalorizado por parte da sociedade, com reflexos em salários baixos, grandes horários de trabalho e muitas tarefas para realizar ao mesmo tempo. O educador indígena enfrenta inúmeros desafios além de planejar as atividades que visem a atender as demandas dos alunos na educação indígena se depara com a dificuldade para realizar a entrega de atividades aos responsáveis.

O estudo pode evidenciar que a saúde mental dos professores indígenas foi abalada pelos efeitos da pandemia de COVID-19, uma vez que junto com o medo da contaminação e a transmissão para seus familiares, estudantes e para os familiares dos estudantes, a utilização do ensino remoto trouxe a incerteza se a aprendizagem estava ocorrendo e como os estudantes estavam. Assim, o papel do psicólogo é reconhecido como necessário pelos educadores, sendo uma importante fonte de apoio nesse momento de estresse e para o restabelecimento das rotinas presenciais no futuro.

Por se tratar de um estudo de uma população específica e um tema no qual temos poucos estudos relacionados a COVID-19, este estudo teve algumas limitações no que se refere à busca de artigos ou estudos referente à saúde mental dos professores indígenas em tempos de pandemia de COVID-19. Neste sentido busco artigos ou estudos referente à saúde mental dos professores não indígenas para dialogarmos junto ao estudo e assim enriquecer a pesquisa.

Levando em consideração o resultado dessa pesquisa e outros estudos referentes à saúde mental dos professores em tempos de pandemia de COVID-19, é necessário que os órgãos governamentais de atenção à saúde dos povos indígenas busquem estratégias para que estes professores indígenas tenham acesso á um atendimento em saúde mental quando necessário para que assim tenham condições

psicológicas e físicas para desenvolver as suas atividades sem adoecer. Programas de saúde mental do indígena poderiam ser desenvolvidos na dimensão preventiva e de tratamento, para que os indivíduos possam estar mais fortalecidos para enfrentar uma situação de estresse crônico como está sendo a pandemia.

Por se tratar de uma amostra pequena de participantes sobre saúde mental de professores indígenas em tempos de pandemia de COVID-19, faz-se necessários outros estudos a fim de levantar outras hipóteses indagar-nos a refletir sobre a saúde mental dos professores indígenas.



## 7 REFERÊNCIA

BRAUN, V., & CLARKE, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>;

BURATTO, Lucia Gouvêa. Educação Escolar Indígena na Legislação Atual. In: FAUSTINO, Rosângela Célia; CHAVES, Marta; BARROCO, Sonia Mari Shima (Org.). *Intervenções pedagógicas na Educação Escolar Indígena: contribuições da teoria Histórico cultural*. 2. ed. Maringá, PR: EDUEM, 2010. p. 53-69.

BRASIL, Constituição Federativa do Brasil de 1988. Brasília: São Paulo: Saraiva, 22 ed., 2004

BERNARDI. .L. T. M. S; CALDEIRA, A. D; Educação Escolar Indígena, Matemática e Cultura: A Abordagem Etnomatemática;

CAVALCANTE, P. I. L. Formação de professores na perspectiva do Movimento dos Professores Indígenas da Amazônia. Disponível em: Acessado em: 24/01/2013.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. (2020b). Severe outcomes among patients with Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): United States, February 12-March 16, 2020. *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 69(12), 343-346. <https://doi.org/10.15585/mmwr.mm6912e2>.

DUAN, L., & ZHU, G. (2020). Psychological interventions for people affected by the COVID-19 epidemic. *The Lancet*, 7, 300-302. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30073-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30073-0).

EMILIANO, Darci; MARTIN, Alfredo Guillermo; PEREIRA, Vilmar Alves. Cultura Kaingang: saberes e identidades direcionados aos desafios contemporâneos da preservação e da educação ambiental. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 19, n.41, p. 203-233, set./dez. 2018.

FIGUEIREDO, Flaviana Pereira, A Relevância da Educação Escolar Indígena Bilingue e suas Implicações Sociais numa Perspectiva Intercultural.

FAUSTINO, Rosângela Célia. Diversidade cultural e educação escolar indígena: contingências de uma política internacional. In: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de; FAUSTINO, Rosangela Célia (Org.). Educação e diversidade cultural. 2. ed. Maringá, PR: Eduem, 2012. p. 87-110.

GRUPIONI, L. D. B. Contextualizando o campo da formação de professores indígenas no Brasil. In:

GRUPIONI, L. D. B. (Org.) Formação de professores indígenas: repensando a trajetória. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, p. 39-68. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001463/146327por.pdf>. Acesso em 15 set. 2010.

LANGDON, J. E. (2001). O que beber, como beber e quando beber: O contexto sociocultural no alcoolismo entre as populações indígenas. In *Anais do Seminário sobre Alcoolismo e DST/AIDS entre os Povos Indígenas* (pp. 83-97). Brasília, DF: Ministério da Saúde.

MOLITERNO, A. C. M; PADILHA, A. M.; FAUSTINO, R. C.; et al. Dinâmica social e familiar: uma descrição entográfica de famílias de idoso kaingang. Cienc saúde. vol.10,n.4,p.836.2011.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 21o ed. Vozes: Petrópolis, 2002.

ROSA, R. Os Kujà São Diferentes: Um Estudo Etnológico do Complexo Xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro. 2005. 416 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, RS, [2005].

SHIGEMURA, J., URSANO R. J., MORGANSTEIN, J. C., KUROSAWA, M., BENEDEK, D. M. Respostas públicas ao novo coronavírus 2019 (2019-nCoV) no Japão: Consequências para a saúde mental e populações-alvo. *Psychiatry Clin Neurosci.* 8 de fevereiro de 2020  
»[Http://10.1111/pcn.12988](http://10.1111/pcn.12988)

## 8 APÊNDICES

### 8.1 APÊNDICE A

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA:

Idade:                      Sexo:                      Estado civil:

Qual setor mora:                      Você tem filhos?

Qual sua formação?

Quanto tempo está formado na área de atuação?

Quanto tempo trabalha na educação indígena?

Como estão sendo as aulas não presenciais na comunidade indígena?

O que mudou na sua rotina durante esse período da pandemia?

Como você tem se sentido atualmente?

Você fez alguma aula online com os alunos da educação indígena?

Quais dificuldades estão sendo encontradas com as aulas não presenciais?

Você está satisfeito com o trabalho que está realizando?

Faz uso de algum tipo de bebida alcoólica? Há quanto tempo?

Você fuma? Há quanto tempo?

O que você pensa sobre o psicólogo(a)?

Alguma vez você fez atendimento com psicólogo(a)?

Como se sentiu após o atendimento com psicólogo(a) ?

Já fez uso de algum medicamento psiquiátrico?

Você acha que seria importante a atuação de um psicólogo(a) mais próximos das comunidades indígenas?

## 8.2 APÊNDICE B

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Saúde mental de professores indígenas em tempos de pandemia

Pesquisador responsável: Profa. Dra. Aline Cardoso Siqueira

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: (55) 3220-9231 ou (55)996490669

Local da coleta de dados: Terra indígena Guarita, município de Tenente Portela-RS

A responsável pelo presente projeto se compromete a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de entrevista semiestruturada com duração de no máximo 30 minutos e observação, na Terra Indígena Guarita, município de Tenente Portela-RS no mês de julho de 2021.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, Departamento de Psicologia, sala 3205, 97105-970 - Santa Maria - RS. Por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Aline Cardoso Siqueira. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em ...../...../....., com o número de registro Caae .....

Santa Maria, 27 de maio de 2021.

Assinatura do pesquisador responsável

### 8.3 APÊNDICE C

## AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

### AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, Viviane Toto de Oliveira, abaixo assinado, responsável pela Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Bento Pi Góg, localizada na Terra Indígena Guarita situada entre os municípios de Tenente Portela, Redentora, Miraguaí e Erval Seco no estado do Rio Grande do Sul-Brasil, autorizo a realização do estudo SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA, a ser conduzido pelas pesquisadoras Profa. Dra. Aline Cardoso Siqueira e a acadêmica de Psicologia do Curso de Psicologia/UFSM Ana Flávia Ribeiro.

Fui informada, pela responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Data: 12/02/2021

Assinatura e carimbo do responsável institucional

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DE ENSINO  
FUNDAMENTAL BENTO PI GÓG  
Decreto de Criação nº 41398 de 08/02/02  
Port. de autoriz. de funcionamento nº 453/2003  
PEDRA LISA TENENTE PORTELA - RS

*Viviane Toto de Oliveira*  
Viviane Toto de Oliveira  
Diretora  
ID.: 2508354-02

## 8.4 APÊNDICE D

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do estudo:** Saúde mental de professores indígenas em tempos de pandemia

**Pesquisador responsável:** Profa. Dra. Aline Cardoso Siqueira

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Santa Maria

**Telefone e endereço postal completo:** Departamento de Psicologia. Av. Roraima, 1000, prédio 74B, sala 3205. CEP 97105-970. Santa Maria/RS. Telefone: (55) 3220-9231.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFSM: Avenida Roraima, 1000, Prédio da Reitoria, 7º andar, sala 763, 97105-970 - Santa Maria - RS, (55) 3220-0000.

Local da coleta de dados: Tenente Portela/RS

Eu, Aline Cardoso Siqueira, responsável pela pesquisa “Saúde mental de professores indígenas em tempos de pandemia de Corona vírus (Covid-19)”, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Por meio desta pesquisa pretende-se compreender o impacto da pandemia na saúde mental de professores indígenas. Acreditamos que ela seja importante porque essa pesquisa fornecerá dados sobre a saúde mental dos professores indígenas em escola indígena e o andamento do trabalho, analisando os sentimentos e emoções sentidos com a mudança na modalidade de ensino bem como avaliar se existe alguma estratégia de educação criada pelos professores para minimizar o impacto causado pelo novo Coronavírus. Os resultados poderão amparar ações voltadas para o fortalecimento da saúde mental dos professores e favorecer as escolas indígenas. Para o desenvolvimento deste estudo será feito o seguinte: para participar nesta pesquisa, você está sendo convidado a responder uma entrevista com duração de 30

minutos. A entrevista será gravada por meio de um gravador de voz, e transcrita para análise. Sendo sua participação voluntária, você não receberá benefício financeiro. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Sua participação constará em a realização de gravação de voz através de mp3.

É possível que aconteçam os desconfortos com sua participação nesta pesquisa, podendo acarretar-lhe um risco mínimo. Certo desconforto pode ser causado por algumas questões incluídas no roteiro da entrevista sobre as emoções vivenciadas na pandemia. Desta forma, caso ocorra algum problema decorrente de sua participação na pesquisa, você terá acompanhamento e assistência por meio da indicação de ambulatórios de saúde mental públicos na sua cidade e pelo oferecimento de atendimento psicológico por teleatendimento. Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa. Além disso, a pesquisadora oferecerá oficinas de psicoeducação aos professores, se autorizado pela equipe diretiva da escola, de forma remota, a fim de promover saúde e auxiliar os docentes.

Os benefícios que esperamos como estudo referem-se à possibilidade de expressar as emoções e elaborar as dificuldades vividas, como também sua participação pode contribuir para a produção de conhecimento para embasar a formação em Psicologia e aprimorar questões de saúde mental de professores indígenas.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Durante todo o período da pesquisa, você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Você terá acesso aos resultados gerais da pesquisa por meio de uma devolução que a pesquisadora fará à sua instituição de ensino, previamente agendada com a direção da escola.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas em eventos ou publicações científicas, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

### **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local,